

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

CONTOS POPULARES, MEMÓRIA E PSICANÁLISE

Valter Barros Moura (USP/UNIP)
valtermoura@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Neste artigo, busco trazer as principais razões que me conduziram ao caminho de investigação dos contos populares, ressaltando a relevância deste tema para minha pesquisa de doutorado na área de literatura portuguesa. Uma dessas razões pode ser entendida na correlação dos tipos memória que provocam muitas conjecturas. Se não fôssemos dotados deste fenômeno mental e função cognitiva não seria possível nos organizarmos no tempo e no espaço, em nossa história, afetos, registros e pulsões. Sem ela não haveria uma existência contínua. A memória é que nos garante esse *continuum* e, por sua vez, de alguma forma, um funcionamento não repetitivo mas que deixa uma marca e se torna apreensível a partir da existência de um observador, um outro.

Essa apreensão da experiência necessita de um tempo, e este lapso constitui-se o processo pelo qual se formam registros, comparações, ilações, aprendizados, experiências, abstrações e representações dentro e fora da nossa mente. Em um organismo, seja social ou humano, a memória dispõe e exerce a possibilidade de repetir a experiência guardada e será, ao mesmo tempo, um gerador de novas experiências. Sejam elas boas ou más, não importa. Uma experiência sem memória é um estado de primeiridade assustador, de resultado não registrado, sem referência e que não cria previsibilidade para seu agente.

Neste sentido, a memória, enquanto sistema, organiza um funcionamento dentro de condutas que passam a ser previsíveis. Tanto nas relações sociais, como interpessoais e psíquicas (e, conseqüentemente, literárias), essa previsibilidade por meio da memória é o elo entre a representação de um futuro a partir do marco de um passado. A memória relaciona-se com *a) causalidade; b) registro; c) retranscrição; d) filogenética; e) temporalidade; f) sentido; g) transferência e i) desejo*. Procurei demonstrar, através do que chamei de *viés psicanalítico*, o estado fronteiro entre a literatura infantil e os tipos de

memória para a psicanálise. Para tal, recorri a alguns contos populares presentes nas coletâneas de Sílvio Romero (1885; 1985), Câmara Cascudo (1946; 1986) e W. Benjamin (1994), e extrai deles recortes para exemplificar as inferências desta interrelação.

CAUSALIDADE E REGISTRO PSICO-LITERÁRIO

Nos primórdios da psicanálise, o modelo médico de uma hipótese teórica para a época era a busca da lembrança traumática que equivale a sua conexão causal e, uma vez chegado à causa, remover-se-ia o efeito, no caso, o sintoma e o sofrimento. Josef Breuer e Sigmund Freud (1893) relacionaram o fenômeno psicológico (*memória*) ao agente físico (*causa*) na clínica das doenças mentais. Para os autores, a ligação tornou-se evidente de como foi que o fato desencadeante produziu esse fenômeno específico. Já o fenômeno da literatura infantil (*enquanto memória*) segundo Denise Escarpit (1981) ocorre a partir do século XVII. Uma época da reorganização do ensino e da fundação do sistema educacional burguês. Não havia propriamente uma infância no sentido de como a conhecemos hoje.

Antes disso, afirma a autora, não existiria nada que pudesse ser tratado como literatura infantil. As crianças, vistas como adultos em miniatura, participavam, desde a mais tenra idade, da vida adulta. Sem livros ou histórias dirigidas especificamente a elas, não existiu nada que pudesse ser chamado de literatura infantil. Por este viés, as origens da literatura infantil e dos contos estariam nos livros (*agente físico*) publicados a partir dessa época, preparados especialmente para crianças com intuito norteador e instrumentalizador de costumes com vistas à educação. Como consequência natural deste processo, o didatismo e o conservadorismo (a escola torna-se instrumento de transmissão dos valores vigentes) deveriam ser considerados componentes estruturais, por assim dizer, da chamada literatura para crianças.

Alguns contos populares e a concepção benjaminiana de história (1987) alertaram-me para o neologismo *passado-memória* que “traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Acaso não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?”

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

(...) Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa” (Benjamin, 1987, p. 223).

Ao atrelar estas questões à psicanálise, lembro que Freud, ao romper com Breuer, concebeu a memória (rememoração) e a denominou como sendo a força persistente atuante de uma experiência. Com o caráter de ocorrência de registro e gerador de conseqüências, a memória passa a ser compreendida como uma função, pela qual percepções de um indivíduo outrora são retidas e/ou reproduzidas, no próprio indivíduo e no social. Aqui se estabelece uma associação quando Escarpit (1981) se referiu às narrativas populares, como *fabliaux* (narrativas breves, alegres, anônimas, abordando pequenos casos da vida cotidiana - adultérios, espertezas etc. muito populares no período medieval.); contos maravilhosos (de fadas ou de encantamento); fábulas; lendas etc., e frisa que eram dirigidos a adultos e contados por adultos. Um viés interessante entre a cultura popular, o que era produzido pelo e para o povo, e o que era oferecido às crianças. Diz textualmente Denise Escarpit (1982) que, neste período “Decir ‘popular’ equivale a decir ‘bueno para los niños’”.

Ao reconstituir o registro da literatura infantil, a pesquisadora aponta quais teriam sido os primeiros livros para crianças. Como exemplo, aponta o trabalho *Orbis Sensualium Pictus* (1658), de Comenius, obra que objetivava ensinar latim por meio de gravuras e que foi um antecessor dos livros didáticos infantis ilustrados. Entretanto, Marisa Bortolussi (1985) menciona outras experiências orais expressivas e populares como as adivinhas, rimas infantis e certos jogos de palavras que, segundo ela, fariam parte da gênese da literatura infantil, mas só ganhariam esse contorno e *status* quando reaproveitadas pelos primeiros livros destinados especificamente ao público infantil. Essa adaptação significou a incorporação de aspectos didáticos e utilitários, ligados à educação moral na infância.

Esta infância narrada por meio dos contos populares significa ouvir a memória da qual Benjamin tentou escutar por intermédio das vozes do presente, ecos de vozes que emudeceram no passado, e promover o encontro entre as gerações anteriores e a nossa. Assim a memória advém de um fato ocorrido, já o registro é um código fixado. Porém, Antonio Imbasciati (1991) alerta que os códigos não são fixos à experiência, porque a memória não é passiva, mas um contí-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

nua processo de transformação, mantido em virtude da permanente interação entre o exterior e a contínua reelaboração interna.

Esse processo registrado é importante como referência e sua rememoração é um representante desta realidade. Por esta razão é que as narrativas eram compartilhadas por adultos e crianças, fato reconhecido por Ariés (1981) e Burke (1995) entre outros historiadores. No período medieval, os limites entre a vida adulta e a infantil eram tênues. Ariés compara a criança da época a um bicho de estimação. A morte de crianças pequenas, lembra ele, era fato corriqueiro, seja por falta de higiene, por doenças, pela fome ou por causa das intempéries. Sofria-se com tal perda, mas tratava-se de um episódio banal, passível de ocorrer em todas as casas. Outras crianças nasceriam.

Se sobrevivessem à primeira infância, por volta dos sete anos os pequenos indivíduos medievais seriam encaminhados para o aprendizado de alguma profissão. Segundo Ariés (1981), a criança da época adquiria seus conhecimentos, principalmente, através do aprendizado prático e pela convivência social. A escola medieval era precária e afora as escolas eclesiásticas, estabelecidas para formação de religiosos, poucas crianças iam à escola ou permaneciam nela por muito tempo. Ao participar da vida comunitária, dos costumes sociais, hábitos, linguagem, jogos, brincadeiras e festas do período medieval, poucos eram os assuntos que a criança não participava. Temas da vida adulta e luta pela sobrevivência, as preocupações, a sexualidade e a morte, a transgressão das regras sociais, o imaginário e as crenças, as comemorações, as indignações e perplexidades eram vivenciadas por toda comunidade, independentemente de faixas etárias.

As narrativas orais compiladas e adaptadas por Perrault, que constituem, segundo pesquisas, a primeira fonte escrita de contos populares dirigida à infância, ocorreram por volta de 1690 no auge de uma das piores crises demográficas vivida durante todo o século XVII. Segundo Darnton (1984, p. 49) foi um

...período em que a peste e a fome dizimavam a população do norte da França, quando os pobres comiam carniça atirada nas ruas por curtidores, quando eram encontrados cadáveres com capim na boca e as mães expulsavam os bebês que não podiam alimentar, para eles adoecerem e morrerem.

Esse era o universo da criança com o papel de pequeno adulto, indivíduo frágil em construção, mas já um agente de força na vida da

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

família e da sociedade. O espírito popular medieval, coletivo por princípio, ligado a festas e atos públicos ao mesmo tempo era marcado pelo fatalismo, pela crença no fantástico, em poderes sobre-humanos, em pactos com o diabo e em personificações de todo tipo. Num mundo onde a crença em fadas, gigantes, bruxas, castelos encantados, elixires, tesouros, fontes da juventude, quebrantos e países utópicos e mágicos era disseminada, crianças e adultos sentavam-se lado a lado nas praças públicas, durante as festas, ou à noite, após o trabalho, para escutar os contadores de histórias.

Neste sentido, Anton Ehrenzweig (1969) alerta que falar em “contos maravilhosos” ou “de encantamento” quando nos referimos às narrativas populares medievais pode ser um equívoco. Não havia neste contexto, principalmente levando-se em conta as concepções populares, uma separação nítida entre o “*real*” e o “*fantástico*”. O “*realismo*”, portanto, em termos de “*realidade*”, para muitos, baseia-se em esquemas convencionais, culturais e compartilhados, de apreensão e percepção. Em outras palavras, segundo o autor, em princípio, vemos e captamos o que fomos condicionados a ver e captar.

André Green (2000) destaca que, para a psicanálise, o objeto de interesse é a temporalidade. A memória nos remete à história e, esta, ao tempo. A causalidade psíquica atravessada pela temporalidade estava ausente na medicina anterior ao surgimento da psicanálise. O conceito da ação do tempo sobre a memória vem da época de Breuer e Freud, onde o ser é o tempo porque o ser, ao incorporar o outro em sua relação com ele, acrescenta-se com sua vida, seja pela forma como imagina proceder dele, seja ao situar-se na posição de doador ou interlocutor, para sobreviver. Se nossos filhos guardam nossa memória, nossas lembranças são também algo assim como seres aos quais lhes damos vida e que sobrevivem à presença concreta tanto de nós neles como deles em nós. Por isso a memória é importante para a dinâmica mental e social porque é um sistema depositário, não só do passado, mas também da organização pré-formadora do presente e indicativa de um futuro por vir.

CONTINUIDADE, FILOGENÉTICA E REPRESENTAÇÃO

Fome, abandono, pobreza. Esses e outros temas são comuns nos contos populares e que, no decorrer das narrativas, são geralmente subvertidos, a fim de substituírem a sociedade cruel dos personagens em outra mais justa. Numa das versões recolhidas por Perrault, do ciclo da Cinderela, surge o tema da subnutrição, bastante frequente nas versões camponesas desse conto. Na versão de *La Petite Annette*, a madrasta de Anette dá a pobre menina apenas um pedaço de pão por dia e faz com que ela cuide das ovelhas, enquanto suas indolentes meio-irmãs ficavam pela casa sem fazer nada, jantando carneiro e deixando uma imensidão de louça suja para Anette lavar. Nesta versão, quando a menina está a ponto de morrer de fome aparece a Virgem - Maria na função de fada madrinha, e lhe oferece uma varinha mágica para que ela produza um banquete todas as vezes que tocar numa ovelha negra (Darnton, 1984).

No exemplo do conto de Joãozinho e Maria trago três temas. Num primeiro momento, as crianças são deixadas numa floresta, porque os pais não tinham o suficiente para alimentar os filhos.

Não vale a pena eu estar com meus filhos juntos comigo para que morram de fome. É melhor deixar os dois na mata (...).

Num segundo momento, existe o lamento pela separação da família e, mais tarde, quando as crianças se libertam da bruxa, elas levam consigo seu tesouro que permitirá que a família não passe mais necessidade.

(...) O lenhador foi caçar abelhas e quando os filhos o procuraram só viram o cabacinho. O menino quis voltar, mas não viu mais os sinais de deixara. Ficou triste, mas não perdeu a coragem.

(...) Joãozinho e Maria correram a casa toda, vendo os quartos cheios de riqueza (...). Encheram uma porção de cargas e tocaram-se para casa dos pais onde chegaram depois de muitos dias (...)

Parte das narrativas possuem uma representação e como tal são portadoras de um valor organizador na compreensão da memória, da existência humana e da prática psicanalítica. As representações constituem uma matriz que estruturam o inconsciente e estabelecem um *continuum* de uma vida equivalentes às matrizes simbóli-

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

cas. São marcadores atualizados de um acontecer, de um por vir tais como da vida intra-uterina ao nascimento, do Édipo à adolescência, da inclusão na sociedade ante a separação da família, da entrada na vida adulta ante a escolha de uma profissão ou companheiro(a), da procriação à paternidade/maternidade, da maturidade ante ao início do declínio da existência, da condição de avô/avó e, por fim, a morte.

Esses exemplos de narrativas funcionaram durante muito tempo como uma tentativa de libertação dos diversos temores e angústia, ou seja, *fantasmas* que afligiam normalmente as sociedades arcaicas que tinham, na figura do narrador, um porta-voz dos sentimentos e anseios de sua comunidade narrativa, a imagem de um artesão capaz de tecer e significar em palavras as experiências e histórias vividas pela comunidade e seus ancestrais. Para Freud a repetição funciona como uma forma de memória que estende o domínio do rememorado à filogênese. Para ele as pulsões de hoje foram atos na história da humanidade. Ao se interiorizarem, os atos da história transformaram-se em estado de pulsão. Freud teorizou sobre os *fantasmas originários* (*Urphönemene/Urphantasien*), referindo-se a pontos de partida nos quais se ancoram desenvolvimentos posteriores e com os quais poderiam ocorrer ligações causais, nos vários tempos da existência humana.

À luz da psicanálise, como exemplo da memória filogenética, há um casal que descobriu que entre seu segundo e terceiro filho havia uma diferença inus

APLICAÇÃO DOS PARÂMETROS

Parâmetros	Part.	C.in.	Asp.V	Punct.V	Int.Suj.	Polar.Or.	Mod.Or.	Ag.Suj.	Af.Obj.	Ind.Obj.	T
1	-	-	+	+	-	+	+	-	-	-	4
2	-	-	-	+	-	+	+	-	-	-	3
3	-	+	+	+	+	+	+	+	-	-	7
4	-	+	+	+	+	+	+	+	-	-	7

PALAVRAS (QUASE) FINAIS

A linguagem faz parte do processo itada [?] de um ano e quatro meses apenas, o que para eles era considerado muito pouco tempo. Em conversa entre si, descubrem que tanto marido tinha uma irmã depois dele, com a diferença de um ano e quatro meses; como a esposa tinha uma irmã depois dela com a diferença de um ano e quatro meses. Seus pais se continuaram neles? Ou foi uma memória filogenética de cada um dos membros deste casal? O que representa essa continuidade? Qual sua representação e significação?

Ao levantar tais questões, na medida em que avançamos sobre as origens da literatura infantil e sua memória atrelada à psicanálise, sem colocar em discussão suas diversas denominações, contos de encantamento, contos maravilhosos, fábulas ou simplesmente contos populares, como classifica André Jolles (1975), ressalto essa mesma memória filogenética e suas influências representativas em inúmeras obras da literatura infantil. Muitos autores de livros infantis utilizaram e utilizam como referência vários aspectos temáticos e formais dos contos populares para desenvolver seu próprio trabalho. Mikhail Bakhtin (1981), Peter Burke (1995) entre outros, demonstraram que os contos populares representam verdadeiro depósito do imaginário, das tradições e da visão de mundo oriundos de certo “espírito popular”, enraizados em antiqüíssimas narrativas míticas. Além disso, sobreviveram ao longo dos séculos através da transmissão oral.

O indivíduo que não articula suas memórias e formas representacionais desenvolveria muito pouco seu pré-consciente e sua capacidade de abstração, com poucas *representações* em seus depósitos mentais. Para tais indivíduos um analista não representaria a mãe e sim seria a própria mãe. A negação de relações entre o repetido e o reprimido tenta neutralizar o passado. Neste sentido a temporalidade seria um eterno retorno de um tempo jamais concluído que a análise voltará a colocar na sua órbita. Mikhail Bakhtin (1993) no dá os indicadores recorrentes desses elementos que são o riso, o deboche, a alegria e o escárnio como revide aos paradoxos da existência humana. Já o uso singular da fantasia e da ficção, por vezes funcionaria como verificação ou experimentação da verdade.

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

O DESEJO, O SENTIDO E SEUS REFLEXOS

Personagens movidos muito mais por seus próprios desejos e interesses, pelo livre arbítrio, pela aproximação afetiva, pelo senso comum, pelos sentidos, pela empatia, pela visão subjetiva, pela busca da felicidade (a moral ingênua referida por André Jolles) do que por uma ética geral, pré-estabelecida, racional, abstrata, uniforme, objetiva, imparcial e impessoal, que pretende determinar, a priori, o certo e o errado. Em *Joãozinho e Maria e Pequeno Polegar*, fica nítida a imagem da criança desordeira, lembrada por Benjamin (1994). A criança corajosa, caçadora e sonhadora. Todas essas imagens estão contidas ao mesmo tempo nesses e outros contos e há enredos tradicionais remanescentes de imemoriais narrativas de iniciação, que podem ser tidas como “*a busca do auto-conhecimento ou da identidade*”, fato também recorrente em vários contos de fadas. Na literatura infantil, surge em obras a exemplo de *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol (1997).

O propósito de organizar tais idéias neste artigo é de estabelecer a *psicomemória* literária infantil e passa pelo conflito das narrativas de ocultar/revelar, como forma de sustentar a imagem que uma sociedade ou indivíduo tem de si mesmos, de forma a reforçar fontes de prazer e as possibilidades de satisfação. É quando a função da memória passa a ser utilizada, não só no aparelho mental, mas também como dinâmica psicossocial, como criadora de sentido. E a literatura infantil é rica em nos mostrar isso (de maneira oculta/revelada). Vincular o desejo a uma representação inconsciente, ou seja, com um significante.

Na satisfação de uma necessidade, os desejos ressurgem seja na literatura infantil quanto na vida psíquica e reinvestem-se da representação para fornecer energia como dizia Freud, para “*as reuniões com o objeto*”, para a elaboração da falta, da ausência. O desejo abre a figura de um começo sem chegada. Capturados por nossas experiências, estas nos tornam prisioneiros e com elas tentamos construir nossas satisfações, mesmo que substitutivas, pois ao objeto da satisfação primeira não se concretiza jamais. A razão do “*... e viveram felizes para sempre*” é trazer a ilusão da idéia de concretização. Porém, o desejo nos fornece um código, com o qual nos desenvolvemos, e este é o verdadeiro sentido, sermos desejantes.

CONCLUSÃO

Como ser desejante, concluo este artigo com a memória de Cascudo (1955) em Trinta “estórias” brasileiras, que relata a versão do conto *O exemplo do pai* (em que o prato de barro é substituído pela coberta de lã, velha e rala, que o netinho indo buscar corta-a pela metade⁶), contada por seu próprio. Aqui se concluem os vieses dos tipos de memória, suas representações e de como interpretamos a voz dos adultos e, assim, construímos nossa própria história e memória. O conto trata de um menino que ficou órfão de mãe muito cedo, e que recebeu de seu pai trabalhador, atenção e cuidado. O menino cresceu e fez fortuna. Homem feito, casou-se com uma moça rica e foram morar num palacete. A esta altura, o pai deste homem estava abandonado na sua humilde casa.

Ao lembrar do que o pai fizera por ele, o homem decide levar o pai para morar com eles e receberia um quarto na casa. Com o tempo, tanto o homem quanto à esposa começaram a se desagradar do comportamento do velho à mesa. Por causa da idade e doença, ele tremia muito e o casal decide mandá-lo comer numa mesa separada longe deles. Como o velhinho quebrava os pratos pela dificuldade de visão e pela tremedeira, deram a ele louça de barro, mal feita, feia e barata.

O homem, filho do velhinho, tinha também um filho inteligente e que gostava do avô. O menino observava a situação, mas não podia fazer nada. Porém, numa tarde, o casal foi passear no jardim encontrando o filho todo enlambuzado de barro, sentado no chão, ocupado e entretido com seu serviço. No que lhe perguntaram:

- Que está fazendo meu filho?
- Estou fazendo um prato de barro, bem grande...

⁶Figueiredo Pimentel publicou em 1896 a estória do Avô e do netinho, onde o prato é de madeira, nos Contos da Avozinha (1944). Nos Contos Nacionais para Crianças (1882), uma das seções da obra etnográfica, vol. II de Adolfo Coelho, Cultura Popular e Educação, editada pelas Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1993. Aparece sob o título: Filho és, pai serás; assim como fizeres, assim acharás, a versão da manta cortada ao meio.

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA

– Para que esse prato de barro?

– Para papai e mamãe comerem quando forem velhinhos como vovô...

O marido e a mulher se entreolharam, acanhados e arrependidos do procedimento com o velho. Foram buscá-lo, agradando-o muito, mudando para um bom quarto e daí em diante trataram-no com toda paciência e cuidado.

BIBLIOGRAFIA

ARIÉS, Phillipe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

———. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 2ª ed. Trad. Yara Frateschi. São Paulo-Brasília: Hucitec, 1993.

BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. *Sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar*, p. 44. SEB, 2. 1893.

BORTOLUSSI, Marisa. *Análisis teórico del cuento infantil*. Madrid: Alhambra, 1985.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. 2ª ed. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

CARROL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas e outros textos*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Fontana/Summus, 1977.

CASCUDO, L. C. *Trinta "estórias" brasileiras*. Porto: Portucalense, 1955.

———. *Contos tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1986.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

DARNTON, R. *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

EHRENZWEIG, Anton. *A ordem oculta da arte*. Trad. Luís Corção. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

ESCARPIT, Denise. *La literatura infantil y juvenil en Europa*. Trad. Diana Flores, México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

FREUD, Sigmund. *Extrato dos documentos dirigidos a Fliess*. SEB, 1, 1896.

———. *Recordar, repetir e elaborar*. SEB, 14, 1914.

———. *O futuro de uma ilusão*. SEB, 21, 1927.

———. *Construções em análise*. SEB, 23, 1937.

———. *Projeto para uma psicologia científica*. SEB 1, 1950.

GREEN, André. *La diacronia en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 2002.

IMBASCIATI, Antonio. *Afeto e representação*. São Paulo: Editora 34, 1998.

JOLLES, André. *Formas simples*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.